

O que fazer: correr ou namorar?

De Andréa Santos

*“Onde quer que você esteja em Marte ou Eldorado
Abra a janela e veja o pulsar quase mudo
Abraço de anos-luz Que nenhum sol aquece”.*
Caetano Veloso - Augusto de Campos.

Meu nome é Marcello Pertele. Sou homem de quarenta e tantos anos e quase toda tarde vou ao mercado comprar peixe fresco para alimentar meus gatinhos. Sempre à procura de uma boa carne, tenho uma conversa enriquecedora. E é uma delas que irei contar a você.

— Um homem renasceu nesta noite! Diziam os vendedores do mercado.

A curiosidade de nordestino é grande. Tenho dois *éles* no nome porque minha mãe viu na novela. Mal sabia ela que isso podia ajudar-me na conquista feminina. Eu sempre digo as minhas conquistas, que um *éle* é para o sol e o outro para lua: — Por isto sou a luz dos olhos delas! Mas voltemos ao renascimento do homem.

Eliseo Franz Soares é seu nome, homem de poucas palavras, de corte sério no vestir e no pentear. Ele veio à cidade para vencer na vida, como tantos. Fora o nono filho de quinze e mesmo assim parecia ser o primogênito da família Franz Soares. Chegara a São Galgano de avião - o que já era um salto. Homem jovem, vinte seis ao certo, já possui filhos e mulheres como herança.

Na sua batalha até aqui, Franz - como era chamado- conseguia sustentar suas duas mulheres e quatro filhos preparando pratos da culinária japonesa. Contudo sua vida não era completa. Precisava de algo a mais para estar com o sorriso nos lábios. Quando acordava, olhava-se no espelho e se interrogava: — *para que serve tantas faces se nada muda?* A expressão de infidelidade era a presença marcante nestes olhos negros os quais deslizam a cada rebolado tímido. E foi aí que ele sorriu!

— *A vida é o que se ver nos olhos das pessoas.* Ele disse para a jovem que passava com vestido branco de tirinhas na manga. Parecia-lhe uma pastora, tinha até cachos! Sorriu, mas houve sinais de reticências. — Quem sabe no próximo encontro haja a resposta? E ela passava todos os domingos na feirinha; no entanto nada admirava nos dotes do pobre homem.

Entretanto trinta dias passou.

Desta vez, como se tivesse ouvido, ela ergueu a cabeça e ajeitou os olhos nele num leve assento e suspiro. Sophie não sabia o que a esperava no futuro. Naquele momento o riso, a mão e quiçá o toque de lábios nas mentes eram quase tudo.

Os dias de namorados passaram; e se ao menos ele soubesse do correr ou namorar, poderia seguir ou recuar. Porém estava procurando a libido proibida: essa que toda mulher tem e somente entrega a boca certa.

Mas a jovem Sophie se indagava bem, muitíssimo confusa... Certamente a herança dele fora o peso de seus pensamentos. E não fora pelo legado congênito, mas pela herança social e elegante do moço. — *Espere, quero dizer-lo, todavia não sei.* -Dizia a si mesma.

— Há alguma coisa de singular na boca dela ao ser impelida pelas palavras, mas será um falso disparate? ...Olhe como o rapaz se inclina para servir?

Ele consegue o bilhete azul. — Mas, qual será a anedota?

Ela sabia ao certo, que os anos deram-se na sorte para ele, mas não soubera por completo usufruir deste tempo. — E quem sabe? Na sua quase independência, era o antagonismo das situações normais: nessa idade e já filheiro, quanta herança!

Entretanto, voltemos a Sophie e Franz.

Discutindo botânica eles não se entendiam nas palavras, já não havia sinais. Ele voltava para casa sozinho, desta vez, nem o cinema tinha a graça. Seus fregueses ainda sentiam o gosto da comida e gargalhavam quando eram servidos a cada sunomono e logo depois aos sushis saciavam a fome, mas nada sentiam naquele fértil homem.

As trocas das antigas mensagens não aconteciam na freqüência dos velhos meses. Todo instante, na imaginação, era porte de carinho, em segredo para ela e nada mais o surpreendia. Quebrou o encanto!

Na última visão, no entanto, que tiveram deles – ele desce do meio fio e ela o segue virando a esquina do grande casarão. Nela invade o alívio e nele a admiração. Inundaram-lhes então.

Figuras misteriosas: amor e amante. Quem eles eram? Por que razão, Franz e Sophie andavam na madrugada? Onde dormiam? E depois de amanhã? Olhem, como tudo isto remoinha e intumesce a todos no mercado e na cidade – ainda, alagou-me sem mais!

Todos saíram atrás deles. Pessoas corriam por aqui e ali. A luz branca respinga e entorna a noite. Vitrinas espelhadas refletem a imagem de povos: rosas verdes, amarelas e azuis; bem-me-quer, heras de jardins de asfaltos. E no amanhecer os carros de leite às portas. Porém, aonde vão eles?

Ver-se dobrando esquinas: os dois. Eu, Pertele, apressei o passo na esquina do casarão. Vi o mar. Parda paisagem. A água salgada murmura palavras ao vento. Quando me ajoelho diante do mar de leite, vejo Franz e Sophie como num passo de um ritual. Esgares antigos somos todos nós: figuras antagônicas e anônimas que adoro.

Abro meus braços ao encontro dos apaixonados: — Oh! Mundo adorável!

Então retorno a casa e aos gatos, com a imagem dos amantes.

— Será fato tão curioso? Reflito.

Como podemos proteger a nossa própria imagem da idolatria, ou quaisquer tipos de subterfúgios capazes de transformá-la em ridícula, demasiá-la distintamente ao original para nesse momento dar-se crédito. Ou, por fim, não será tão curioso assim?

Temos um assunto de suma importância: presumimos que o espelho deles partira. A imagem desaparece e a fantástica figura envolta pela esquina enigmática ao mar não existia. Ficando somente o invólucro dos seres humanos, a inigualável visão dos olhos. — Quanto angustiado, rente, seco e protuberante não seria o mundo! Lugar onde a vida seria impossível?

Já encarei ao outro nas ruas, nos mercado e nos ônibus e para dentro deles há um espelho. Este explica a vaguidade, o reflexo transparente em olhos. Os romancistas futuros compreenderão cada passo desses vislumbres, na sua raiz. A vista disso, não há somente um fitar, mas vários; estes mergulhos vão explorar os espectros deles renascendo à noite.

Mas como foi chocante e tão maravilhosa aquela manhã no mercado. Descobri aquelas coisas reais, imagens reais. Nos domingos ainda estava à feirinha freqüentada por Sophie e o almoço servido pelo Franz. Entretanto, existia magia nas toalhas meio fantasmagóricas e viuvezcas.

Eram, agora, duas mulheres e quatro filhos. Sem a maldição dos amantes, elas comandavam aquele lugar crente e descrente para não passar o sentimento de liberdade ilegítima a cada cria.